



TECENDO, TINGINDO E PINTANDO CARTAS DE AFETO PARA AS MARGENS DOS RIOS POR ONDE PASSEI

TEJIENDO, TIÑENDO Y PINTANDO CARTAS DE AFECTO PARA LAS MÁRGENS DE LOS RIOS POR DONDE PASÉ.

Viga Gordilhoⁱ
Prof.^a Titular aposentada
PROPAP
PPGAV/EBA/UFBA

RESUMO

Venho tecendo, tingindo e pintando obras em pequenos formatos, rememorando as margens fluviais por onde passei como estudante, professora visitante, ou artista residente. Trago o rio como memória, gênese de civilização, caminho de água e fronteira territorial. Recolho coisas bonitas que encontro pelos caminhos, para criar uma série de 365 pares de Cartas de Afeto. Escrevo com fibras, lãs, contas, tecidos, pigmentos, corantes e símbolos capturados em cada lugar vivenciado. Cada Carta tem sete camadas, como os sete mares que recebem as águas fluviais e banham nosso planeta. A imagem espelha meu contato com o real. Trago cada pequena obra como uma impressão, um rastro, um traço visual de um tempo que agora toco, como nos fala Didi-Hubermann, um dos autores que me ajudam a refletir neste artigo, dialogando comigo nessas imagens que tangenciam o real.

PALAVRAS-CHAVE

Rio. Memória. Carta. Arte têxtil. Pintura.

RESUMEN

Vengo tejiendo, pintando, tiñendo y bordando obras en pequeños formatos, rememorando las márgenes fluviales por donde pasé como estudiante, profesora visitante o artista residente. Traigo el río, como memoria, génesis de civilización, camino de agua y frontera territorial. Recojo cosas bonitas que encuentro por los caminos para crear una serie de 365 pares de Cartas de Afecto. Escribo con fibras, lanas, cuentas, tejidos, pigmentos, colorantes y símbolos, capturados en cada lugar vivenciado. Cada Carta tiene siete capas, como los siete mares que reciben las aguas fluviales y bañan nuestro planeta. La imagen espeja mi contacto con lo real. Traigo la pequeña obra como una impresión, un rastro, un trazo visual de un tiempo que ahora toco, como nos dice Didi-Hubermann, uno de los autores que me ayudan a reflexionar en este artículo, dialogando conmigo en esas imágenes que contactan lo real.

PALABRAS CLAVE

Rio. Memoria. Carta. Arte textil. Pintura.



“Era preciso que tratasse das coisas leves, como as feitas de panos diversos e as de guardar bocadinhos.”

Valter Hugo Mãe

Que são Cartas de Afeto?

Neste texto, passado e presente se fundem na conjugação de um tempo gerúndio, como se as experiências ainda estivessem em curso. Sempre digo a meus alunos que a gênese do processo criativo habita nosso quintal, seja ele físico, psicológico ou ficcional. Pensando assim, as margens dos rios que trago aqui são caminhos percorridos, que indiciam meus quintais, situados em espaços e tempos distintos. Essas experiências propiciaram a criação de uma obra, que terá 730 módulos, correspondentes a 365 pares, criados a cada dia do ano. O par é formado por uma peça em arte têxtil, e uma telinha pintada. Essa obra foi nominada como *Cartas de Afeto*. São trabalhos em pequenos formatos, 10x10 cm, que expressam meu sentir, em uma narrativa poética ainda em processo. Digo processo, pois, a cada dia, estou criando um par de módulos. A escrita dessas cartas foi iniciada no dia 1º de março deste ano (2024), quando as águas de março fecharam o verão. Portanto, o processo criativo só será concluído em 28 de fevereiro de 2025. Dessa forma, para mim, foi um desafio recortar apenas dez imagens para ilustrar este artigo, pois, até o momento em que escrevo, já teci e pinteí 53 pares. Por outro lado, essa situação é bastante singular, já que, por certo, a obra estará ainda em processo de feitura no 33º Encontro da ANPAP, o que propiciará trocas e reflexões de extrema importância para meu processo criativo.

Trata-se assim, de uma retrospectiva reflexiva de vida e arte, em que as palavras imagéticas ecoam plasticamente como símbolos, sendo escritas com fibras, lãs, contas, tecidos, pigmentos e corantes, recolhidos em cada lugar que percorri como estudante, artista residente ou professora visitante. Não existem fronteiras entre as linguagens que utilizo, pois transito entre a arte têxtil e várias técnicas de pintura.



Mas, por que Cartas de Afeto?

Porque são escritas afetivas, talvez curativas para tempos tão difíceis, que geram “fronteiras ideológicas e simbólicas”, definindo “cicatrices na fina pele do Planeta”, como está posto no próprio Edital do Encontro. Talvez, seja, simbolicamente, uma tentativa de tratar, suturar e curar essas “cicatrices” com camadas de afeto. Também, para mim, representa uma forma de agradecimento à vida, por tantas experiências, por tantos *comparTRILHamentos*ⁱⁱ poéticos nas práticas vividas e axialmente relacionadas às atividades acadêmicas – na tríade ensino, pesquisa e extensão – desenvolvidas na Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), por mais de três décadas, e estendidas, após a aposentadoria em 2020, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), com a docência do componente curricular “Documentos de percurso, registros e reflexões em processos criativos”, orientando e pesquisando pelo Programa Especial de Participação de Professores Aposentados (PROPAP).

Assim sendo, é significativo observar que esses arquivos-memória estão se desenhando interna e externamente em meu imaginário, observando fluxos e refluxos dos segredos adormecidos nas águas fluviais, aqui selados como se fossem *pejis*ⁱⁱⁱ, ou pequenos *patuás*^{iv}, que acolhem mistérios, como amuletos de proteção. Com essa reflexão, explico que as imagens estão se tornando compartimentos sagrados que imortalizam a contemplação lúdica de territórios singulares e distantes, uma arqueologia de cenas sobreviventes em minha memória, as quais reconfiguro hoje para uma dinâmica dual – espaço e tempo. Essas imagens desvelam e revelam seus segredos em signos particulares, numa contínua transcodificação matérico-simbólica de imagens heterogêneas, para uma futura montagem desafiadora. Como nos diz Georges Didi-Huberman:

Frequentemente, nos encontramos, portanto, diante de um imenso e rizomático arquivo de imagens heterogêneas difícil de dominar, de organizar e de entender, precisamente porque seu labirinto é feito de intervalos e lacunas tanto como de coisas observáveis. Tentar fazer uma arqueologia sempre é arriscar-se a pôr, uns junto a outros, traços de coisas sobreviventes, necessariamente heterogêneas e anacrônicas, posto que vêm de lugares separados e de tempos desunidos por lacunas. Esse risco tem por nome imaginação e montagem. (Didi-Huberman, 2012, p. 211).



Quando penso em uma montagem desafiadora, a “Parede da Memória” (1994), da artista paulista Rosana Paulino, sempre me vem à mente. A obra me inquieta, pois, a partir de um microcosmo, ela cria uma constelação brasileira que me move a um entendimento ampliado da presença de afrodescendentes em nosso país. Imagino que minha montagem possa se aproximar dela, embora nos distanciemos, pelo fato de os conceitos pertinentes a nossas obras serem bastantes distintos, o que me leva a pensar em uma expografia similar ao curso de um rio.

Durante minhas viagens como artista-pesquisadora, percebi que cada cultura possui o seu próprio amuleto, algo para proteção, conforme exemplifico na Imagem 1. Ressalto, aqui, as *Love letters* que encontrei na África do Sul, entre as mulheres da cultura zulu, nas quais elas guardam o nome do amado, acreditando numa possibilidade futura de atração amorosa. Acredito, assim, que esses entrecruzamentos culturais constituíram a gênese de minhas Cartas.



Imagem 1 – Patuás, bolsinhas de guardar as palavras do alcorão, escapulários, *Love letter*, *Omamori* e *Beats craft*. Distintas culturas, com padrões e tamanhos diferentes.

Fonte: pesquisa da autora.



O processo da escrita visual

Meu percurso de criação, como já sinalizei no início deste artigo, encontra-se em processo contínuo, num tempo gerúndio, como tentativa de ir ressignificando as experiências lacunares, embora elas não sigam uma ordem cronológica. As palavras vão surgindo no processo de criação de cada módulo. Cada Carta pode ser entendida, aqui, como uma parada onde coloquei um marco para sublinhar o fluxo entre o lugar de chegada e o de partida, em caminhos compartilhados, que alimentaram uma questão central: como refletir sobre experiências que me fertilizaram, e ainda me fertilizam, como artista-pesquisadora?

Na tentativa de colher respostas, acreditando que toda experiência deixa indícios, rastros e memórias, escutei Jorge Bondía Larrosa, professor de Filosofia do Departamento de Teoria e História da Educação da Universidade de Barcelona, que faz a seguinte reflexão acerca da experiência:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2002, p. 12).

Assim, cultivando “a atenção e a delicadeza”, aqui estou rememorando meu caminhar nos jardins do sobrado de meus avós maternos, localizado no Recôncavo Baiano, berço do rio Paraguaçu^v. Esse rio testemunha a fixação e a exploração dos descobrimentos lusos, com a imposição da sociedade civilizada, que submeteu e sacrificou os povos tupinambás da costa brasileira e a multidão de nativos africanos, na maior migração humana.

Essas rememorações estão fertilizando lembranças, sempre cultivadas pelos familiares, que contavam, e ainda contam histórias dos anos de nossa infância.

As Cartas que escrevi para o Paraguaçu falam dos ferros da ponte Dom Pedro II, que liga as cidades de Cachoeira e São Felix, atravessada por mim muitas vezes. Contam



dos porões existentes no sobrado, onde eram armazenados frascos, tampas, garrações de vidro, cestas, fumo de corda, sementes, cereais e folhas. Ainda posso sentir o cheiro! Verdadeiros arquivos, onde se dizia que fantasmas rondavam. Eram porões repletos de caixinhas e mistérios, com teias de aranha para prender os curiosos, visíveis nos quatro óculos, ou janelinhas que se abriam para a rua, na parte inferior da fachada do sobrado. O lugar, chamado Chácara Conceição, era povoado por gente simples, que conservava o potencial de transformar aquilo que se encontrava ao lado da morada, no mato, à beira dos regatos: argila, terra vermelha tauá^{vi}, fumo, fibras e muitos outros materiais. No lado esquerdo, havia o jardim; no direito, o pomar. E, no quintal, a casa de farinha, onde se tratava a mandioca. Havia, ainda, garagem de manocagem de fumo, chiqueiro, galinheiro, cisterna, um tanque de água coberto de musgos e inúmeras árvores frutíferas.

Constantemente, eu recolhia penas e folhas e as acondicionava entre as páginas de livros antigos e pesados, que repousavam na escrivaninha de meu avô. Registrei, para sempre, aqueles cenários umedecidos e endurecidos de manguezais e massapé, com cheiro de sal e açúcar. Triste e doce Recôncavo!

Sigo, assim, rabiscando, bordando, refletindo, anotando e catalogando, como fiz com as folhas da arruda (*Ruta graveolens*) que bordei em uma das Cartas que criei para o Paraguacu, que se pode visualizar na Imagem 2. Ressignifico a folhinha, desvelando e revelando seus segredos: arruda-macho, com folhas graúdas, fortemente aromáticas; e a arruda-fêmea, com folhas miudinhas, de odor mais suave. São folhas carnosas, com matizes infinitos, verde-azulados ou acinzentados, de planta hermafrodita. Acredita-se que a folha traz proteção e liberdade. Faz sentido, pois o significado de arruda, em grego, é “libertar”. Quase toda casa, no Recôncavo, tem um pé de arruda na entrada. Curandeiras e benzedadeiras tinham sua “arruda de cura e benzeção”. Muitas pessoas usam um galho de arruda atrás da orelha, como proteção. O cheiro forte no sobrado, à noite, protegia nosso sono e desenhava nossa epiderme, misturado com o odor do jasmineiro em flor, que abraçava a janela do quarto onde dormíamos.



Imagem 2 – Cartas de Afeto. Fibras, cera, bordado e pigmento, 10x10 cm.

Foto: Viga Gordilho.

Com essas lembranças, venho colocando, dentro de cada Carta, uma folhinha de arruda (Imagem 3), para proteção. Velada entre as sete camadas, como já mencionei.



Imagem 3 – Documentos de percurso: folhinha da arruda, velada entre as camadas estruturais das Cartas de Afeto. Fibras, papelão e folha, 10x10 cm.

Foto: Viga Gordilho.

Percebo agora, escrevendo este artigo, que os caminhos se ligam como fios condutores de vários instantes, se entrecruzam e tecem outros conceitos, embora não se aglutinem, pois são momentos singulares. A poética não está sendo criada de uma só vez, mas segue se potencializando por aproximações, acréscimos, acumulações, superposições, gerando trabalhos únicos, rememorados no percurso, mas



respeitando a lógica da produção de cada momento. Cito, mais uma vez, Didi-Huberman:

A imagem não é um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que, como arte da memória, não pode aglutinar. (Didi-Huberman, 2012, p. 207).

Desse modo, as margens do Paraguaçu foram embrionárias para muitas investigações na vida acadêmica. Elas estiveram presentes em minha dissertação de Mestrado, “Terra, Homem e Signo, uma criação plástica com pigmentos, corantes e fibras brasileiras”, (1996), na tese de Doutorado, “Cantos, Contos e Contas, uma trama às águas como lugar de passagem,(2004), e em muitos projetos coletivos realizados com o grupo de pesquisa que lidero, MaMeto (CNPq)^{vii}, gerando inúmeros artigos e livros publicados. Mais recentemente, as folhas sagradas foram pesquisadas em meu estágio de Pos-Doutoramento em Porto, gerando o livro *Transparências poéticas*, editado em Portugal. A vivência nas margens do Douro^{viii} foi significativa e me levou a tecer e pintar Cartas para suas margens, as quais recorto em seguida.

O Douro une as cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia. Como sinalizei no parágrafo anterior, realizei meu estágio de Pós-Doutoramento na Faculdade de Belas Artes (FBA) da Universidade do Porto (UP), no segundo semestre de 2019. Lá, mergulhei na obra da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), que me fez companhia entre ladeiras, vielas, travessas, pontes, e, especialmente, nas margens do Douro. Os livros de Sophia são apaixonantes, e o poema “Quando” conversa tanto com minha poética que o trago aqui:

Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta
Continuará o jardim, o céu e o mar,
E como hoje igualmente hão de bailar
As quatro estações à minha porta.

Outros em abril passarão no pomar
Em que eu tantas vezes passei,
Haverá longos poentes sobre o mar,
Outros amarão as coisas que eu amei.

Será o mesmo brilho, a mesma festa,
Será o mesmo jardim à minha porta,



E os cabelos doirados da floresta,
Como se eu não estivesse morta.

(Sophia de Mello Breyner Andresen, 2014, p. 21).

Como atravesssei o Douro inúmeras vezes, para ir colher perpétuas no Cantinho das Aromáticas, que fica do outro lado da margem, em Vila Nova de Gaia, então as Cartas que dedico a esse rio trazem os matizes e as texturas dessas flores (Imagem 4). O nome perpétua, cujo significado é “aquela que permanece”, é uma alusão à notável capacidade dela manter seu aspecto ornamental, mesmo depois de seca, como uma sempre-viva, sendo muito empregada em arranjos decorativos de interiores.

Poderia falar de que essa foi a primeira quinta de agricultura biológica urbana em Portugal, poderia mencionar os inúmeros prêmios que suas tisanas e infusões já conquistaram, poderia enumerar a diversidade de plantas aromáticas, medicinais e condimentares que podemos ali encontrar. Mas foram as perpétuas que invadiram minhas cartas, com os seus cromas distintos. Minha altura preferida é quando se pode apreciar o espetáculo das perpétuas em flor. Não pensem que são apenas roxas, como a maioria das pessoas conhece; são brancas, rosa-bebê e vermelhas, de um vermelho vivo e alegre. Esses matizes me encantaram (Imagens 5 e 6).



Imagem 4 – Processo de criação das Cartas de Afeto. Fibras, contas, bordado, pigmento e corante, 10x10 cm.

Foto: Viga Gordilho.



Imagem 5 – Cartas de Afeto. Fibras, corantes e contas, 10x10 cm.

Foto: Viga Gordilho.



Imagem 6 – Cartas de Afeto. Pigmento sobre tela, 10x10 cm.

Foto: Viga Gordilho.

O som do vento a passar entre as folhas das árvores tem o dom de me limpar a cabeça e relaxar, tal como o som das ondas a desenrolar na areia. Quando comecei a descobrir o Cantinho das Aromáticas, observei a fileira de choupos, alinhados e elegantes, a marcar o caminho.

Já quase me esqueço de que estou dentro da cidade e continuo a percorrer o espaço, até parar no pombal de pedra do século XII. A construção antiga me remete para outros tempos e me lembra que este é um lugar com muitas histórias. A mais



conhecida conta que D. Pedro e Inês de Castro percorreram esses campos no século XIV.

Cartas que gostaria de mencionar, neste artigo, que está sendo difícil escolher. Assim, optei por refletir sobre as experiências em países distintos, elegendo, em seguida, as Cartas que escrevi para o rio Turia^{ix}, em Valência, Espanha. Fui quatro vezes. As duas primeiras com bolsa PICD, em 2000 e 2002, como residente, para a Real Academia de Bellas Artes de San Carlos. Outra, em 2010, quando apresentei pesquisa em um congresso de arte urbana. E a quarta em 2023, com a família, para celebrar os meus 70 anos. Hoje, trago um traço visual do tempo que quis tocar, parafraseando, mais uma vez, Didi Huberman em “Quando as imagens tocam o real”. Recordo, hoje, do azul do céu entre as torres memoráveis, seu reflexo no Mediterrâneo, a pintura de teto no Museu de Bellas Arte San Pio V, próximo ao curso adormecido do leito. O risco dos fogos que cortam o céu nas Fallas, o cinzelamento dos metais e os bordados e brocados que dançam com as falleiras nas praças do Centro antigo. Valencia de meus sonhos, cidade das flores, das artes e dos amores (Figuras 7 e 8).



Imagem 7 – Processo de criação, Cartas de afeto.10x10 cm.

Foto: Viga Gordilho.



Imagem 8 – Cartas de Afeto. Fibras, contas e corantes, 10x10 cm.

Foto: Viga Gordilho.

Para concluir este artigo, trago a vivência mais recente, que foi uma aventura de atravessar o mundo em 2023. Apresento então, as Cartas que escrevi para para as Margens do rio Han^x, em Seul, Coreia do Sul. Em novembro do ano passado, fui convidada para fazer a curadoria da exposição da artista Sandra Rigo, na Embaixada do Brasil, em Seul – “Músicas que pintam e cores que dançam, entre Brasil e Coreia do Sul”. Estive, assim, entre estações. O rio Han corta a capital, entre arranha-céus, metrô de alta tecnologia, onde há ideogramas já romanizados nos guias, em uma cidade subterrânea. A cultura pop se mistura com templos budistas, palácios, museus, galerias, universidades, mercados de rua, lindos jardins e muitas tradições. Me encantei com a artista Saimdang, do séc XVI, hoje estampada na cédula de 50.000 won. Os *Bojagi* são paninhos de embrulho tradicional coreano, uma preciosidade – quadrados feitos de uma variedade de retalhos, sobra da confecção dos trajes tradicionais. Retalhinhas bordadas. Pequenos broches, *beads craft*, preciosos amuletos! Assim, teci e pinte minhas cartas para as margens do Han, bordando e misturando tecidos e contas do outro lado do mundo.



Imagem 9 – Cartas realizadas com retalhos, rami, seda, contas e pigmento sobre tela, 10x10 cm.

Foto: Viga Gordilho.



Imagem 10 – Uma visão agrupada de algumas das Cartas de Afeto, criadas desde 1º de março de 2023. 10x10 cm.

Foto: Viga Gordilho.

A continuidade do projeto...

As Cartas continuam a ser escritas, muitas margens convivem ainda com minhas lembranças e inquietações. Às vezes, penso que essa obra é uma revisão de minha própria vida, conectando tempos irreconciliáveis, perspectivas contraditórias e caminhos diversos, a partir dos quais pude também me reinventar, e me reinvento a cada dia, pois acredito que, no panorama atual do mundo em que vivemos, é possível articular, cada vez mais, conhecimentos pessoais, sociológicos e artísticos, na perspectiva de questionar a própria vida do planeta. Perceber o sentido da invisibilidade da cultura que caminhou e caminha nas margens fluviais, muitas vezes adormecidas. Assim, falo de particularidades que percebi em cada experiência. Continuo esperando, que as águas fluviais sejam salvas, uma vez que segundo



o relatório mundial da ONU sobre Desenvolvimento dos Recursos Hídricos revela dados alarmantes sobre as águas residuais, onde 80% vão parar nos rios e oceanos do planeta sem tratamento, Um terço dos rios do planeta está poluído, onde os piores casos estão na África, Ásia e América Latina, pontuando que Água residual é aquela que sofre interferência por uso comercial, industrial ou doméstico, como o esgoto, por exemplo.

As piores condições estão nos países de baixa renda, que tratam somente entre 28% e 8% desse tipo de resíduo. Como consequência, um terço dos cursos d'água no mundo, principalmente na África, Ásia e América Latina, estão completamente poluídos.

O porta-voz de Meio Ambiente da Unesco no Brasil, Massimiliano Lombardo, explica que a contaminação prejudica a economia e coloca em risco a saúde da população, sendo as crianças as mais prejudicadas.

Esgotos não tratados são esgotos que têm várias substâncias contaminantes. Tem muita bactéria que causa problemas de saúde como cólera, febre tifoide, que matam crianças principalmente. E as águas residuais se forem tratadas podem se tornar um recurso útil para vários outros usos, na irrigação, lavagem de ruas, carros, inclusive até para consumo humano, água potável. (LOMBARDO, Massimiliano, 2017.2).

Só em 2012, mais de 800 mil pessoas morreram em decorrência da falta de saneamento básico. Nos oceanos, a descarga de águas residuais já atinge uma área de quase 250 mil quilômetros quadrados, destruindo ecossistemas marinhos e gerando impactos na atividade pesqueira.

Um drama vivido por muitos ambientalistas, como conta o presidente do Instituto Trata Brasil, Edison Carlos.

É muito preocupante porque nem se sabe que tipo de substâncias vem sendo lançadas na maioria desses países que não informam a característica dessa poluição. No Brasil, 60% do esgoto não é tratado. Então, somente a poluição por esgotos já representa um grande drama nacional. Somente com informações corretas nós conseguiremos criar políticas mais rápidas para uma solução. (EDISON Carlos, 2017, p.1).

Para a ONU, a melhoria na gestão das águas residuais é fundamental para atingir parte das metas da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, assinada em 2015 por mais de 190 países.



Sob este viez, continuarei a tecer e pintar cada dia, usando harmonias cromáticas de cada território vivenciado, como uma prece, uma oração. Continuarei a Imaginar e contemplar, cada margem nas suas particularidade, acreditando que os rios precisam ser mais respeitados e mais cuidados. Até o momento, escrevi Cartas de Afeto para as seguintes margens fluviais: Douro, Porto/Portugal; Orange, Mupumalanga/ África do Sul; Túria, Valencia/Espanha; Han, Seul/Coreia do Sul; Paraguaçu, Reconcavo Baiano/Brasil; Prata, Buenos Aires/Argentina; Gapcheon, Daejeon / Coreia do Sul; Primero, Córdoba/Argentina; Reno, Essen e Hagen/Alemanha; Coisa Boa, Chapada diamantina, Bahia/Brasil; Beberibe e Capibarib, Recife/Pernambuco/Brasil; Bacias do Rio Grande do Sul/Porto Alegre/Brasil; Água Verde, Curitiba/Paraná/Brasil; Tietê, São Paulo/Brasil, São João do Meriti, Rio de Janeiro/ RJ/ Brasil e Appies, Pretória/ África do Sul.

Finalizo este artigo, parafraseando Sophie Andresen. Num país sem flores, onde o mar não é mar, e o enigma são os navios, eu não entendo o sentido das velas. Tenho fome e sede da horizontes frios.

Sigo tecendo e pintando para as margens fluviais...

Referências

ALMEIDA, Teresa (Org.). **Transparencias poéticas**. Porto: I2ADS- Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 2020.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Dia do mar** Porto: Assírio & Alvim, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Recife - PE: Editora Universitária da UFPE, 2019. setembro de 2020. Disponível em <http://abca.art.br/httpdocs/artivismo-preto-poetica-do-isolamento-de-guto-oca-robson-xavier-da-costa/>. Acesso em: 29 março 2021.

EDISON, Carlos. CNB Meio Ambiente. Disponível em <https://m.cbn.globoradio.globo.com/editorias/meio-ambiente/2017/03/22/UM-TERCO-DOS-RIOS-DO-PLANETA-ESTA-POLUIDO-APONTA-NOVO-ESTUDO-DA-ONU.htm>. Acesso em 10 de junho de 2024.

GORDILHO, Viga. **ComparTRILHamentos poéticos**. Um memorial em tempo gerúndio. Salvador: P55, 2020.

GORDILHO, Viga. (2018). Olhar nosso quintal. In: **A iconografia pelo olhar Artesão**. Salvador: Qualigraf Serviços Gráficos e Editorial Ltda, 2022. p. 17-19.



GORDILHO, Viga. (2004) **Cantos, Contos, Contas. Uma trama às águas como lugar de passagem.** Salvador: PP5 Edições, 2004.

HUGO MÃE; Valter. CERVENY, Alex. **Contos de cães e maus lobos.** Rio de Janeiro: Biblioteca azul, 2019.

LARROSA, Jorge Bondía. **Tremores: escritos sobre experiencia.** 2002 Disponível em <https://sifpe.files.wordpress.com/2015/10/ferido-de-realidade-jorge-larrosa.pdf>. Acesso em: 8 de abril 2024.

LOMBARDO, Massimiliano. **CNB Meio Ambiente.** Disponível em <https://m.cbn.globoradio.globo.com/editorias/meio-ambiente/2017/03/22/UM-TERCO-DOS-RIOS-DO-PLANETA-ESTA-POLUIDO-APONTA-NOVO-ESTUDO-DA-ONU.htm>. Acesso em 10 de junho de 2024.

XAVIER, Robson. **Editais do 33º Encontro da ANPAP.** Disponível em <https://www.even3.com.br/33anpap2024/>. Acesso em 9 de abril de 2024.

MAURICIO, Talis. **CBN Meio Ambiente.** Disponível em <https://m.cbn.globoradio.globo.com/editorias/meio-ambiente/2017/03/22/UM-TERCO-DOS-RIOS-DO-PLANETA-ESTA-POLUIDO-APONTA-NOVO-ESTUDO-DA-ONU.htm>. Acesso em 9 de junho de 2024.

Notas

ⁱ Orienta e ministra a disciplina Documentos de Percurso – Registros e Reflexões em Processos Criativos. Membro da ANPAP e da ACB. Vem realizando exposições em museus e espaços culturais de várias cidades brasileiras, europeias e africanas. Tem livros publicados e artigos em revistas nacionais e internacionais. Atua também em curadoria e ações educativas em espaços museológicos. Em suas pesquisas atuais, tece Arte e Natureza. vigagorrdilhofba@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9373752051792705>

ⁱⁱ Neologismo que me foi apresentado no 19º Encontro da ANPAP, pelas artistas Lilian Amaral http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpa/lilian_amaral_nunes.pdf e Lucimar Bello, http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpa/lucimar_bello_pereira_frange.pdf, enfatizando trilhas ou caminhos compartilhados.

ⁱⁱⁱ Altar de terreiro de candomblé, localizado em quarto privado; pequeno relicário do povo africano.

^{iv} Pequenos saquinhos, bordados na beirada com ponto dente de cão, que guardam segredos para proteção, como folhas sagradas e pombas.

^v Paraguaçu (do tupi) vem da corruptela *Peruassu*, que significa “rio grande”, ou “mar grande”. O nome do rio Paraguaçu foi dado em homenagem a Catarina Paraguaçu, indígena que se casou com o português Diogo Álvares Correia, apelidado Caramuru (em tupi, “homem do fogo e do trovão”).

^{vi} Palavra indígena: argila aluvial colorida com hematita e óxido de ferro; excelente pigmento vermelho.

^{vii} Grupo de pesquisa MAMETO – Estudo da MATéria, MEMória e conceiTO em poéticas visuais contemporâneas, certificado pelo CNPq. O nome *mameto* (banto) significa pessoas importantes na hierarquia religiosa congo-angola, também conhecidos como MACOTA. O grupo atua na pesquisa prático-teórica da matéria em trânsito com a memória, na busca de definição de conceitos como elementos inerentes ao processo criativo. É constituído por doutores, doutorandos, mestres e mestrandos. <http://mametobts.blogspot.com/>

^{viii} O rio Douro, que separa as cidades de Porto e Vila Nova de Gaia, onde se encontra sua foz, nasce nos picos da Serra de Urbiñ, na província espanhola de Sória. Seu nome é ligado a várias versões. Uma delas remete aos



celtas, para os quais “dur” significa água; outra nos fala de pedrinhas brilhantes que rolavam de suas margens e que eram ouro, provocando assim o seu nome – D’ouro. Há ainda outra versão, segundo a qual o nome do rio deriva do latim *durius* (duro), que lembra a dureza de seus contornos. Independentemente dessas versões, o rio fica dourado quando recebe a luz do entardecer.

^{ix} Rio da Espanha, lança as suas águas no Mar Mediterrâneo, sul de Valencia. depois que grandes inundações do Rio Túria danificaram grande parte da antiga da cidade, o rio foi desviado em 1956, e o seu antigo leito foi transformado nos jardins do Túria.

^x O caudaloso rio Han que atravessa Seul é visto pelos coreanos como um “milagre”, por transformar um país devastado pela guerra civil (1950-53) e com poucos recursos naturais em um dos mais avançados e competitivos do mundo.